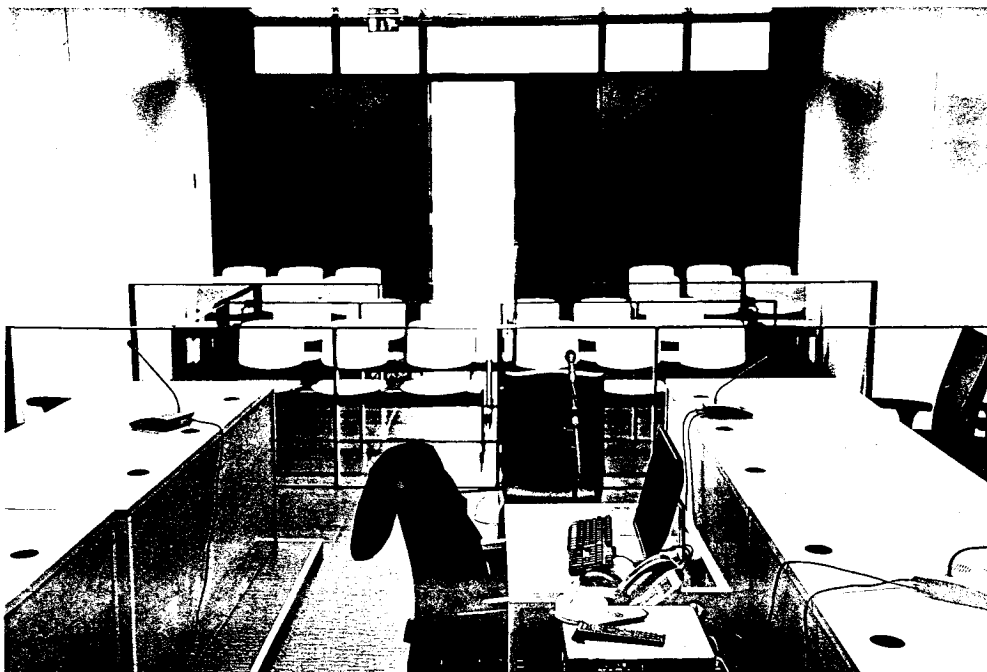


GREVE GERAL



TRIBUNAL, 14h00 Sem guardas prisionais disponíveis para levar os quatro detidos a tribunal, o julgamento de uma rede de tráfico de droga na 1.ª Vara Criminal de Lisboa teria sido sempre impossível de fazer, mesmo se houvesse funcionários suficientes no Campus da Justiça, no Parque das Nações. O que também não havia: 72% dos escrivães nas várias secretarias aderiram à greve. Dos 14 julgamentos marcados para quarta-feira, nas oito varas criminais, realizaram-se três. Noventa por cento dos procuradores não foram trabalhar, mas bastou dois magistrados furarem a greve para dar alguma vida aos átrios envidraçados, com vista sobre o rio Tejo. Enquanto um arguido militar entrava na sala de audiências, para uma das exceções do dia, outras pessoas desciam o elevador desapontadas com tanto tempo perdido à espera de uma resposta óbvia: "Serão notificados de uma nova data". As agendas dos juizes vão estar mais apertadas em janeiro e fevereiro

Lisboa acordou mas preferiu não se levantar

Uma cidade quieta
Vinte e dois anos depois da última greve geral em Portugal convocada



Expresso, 27 de novembro de 2010

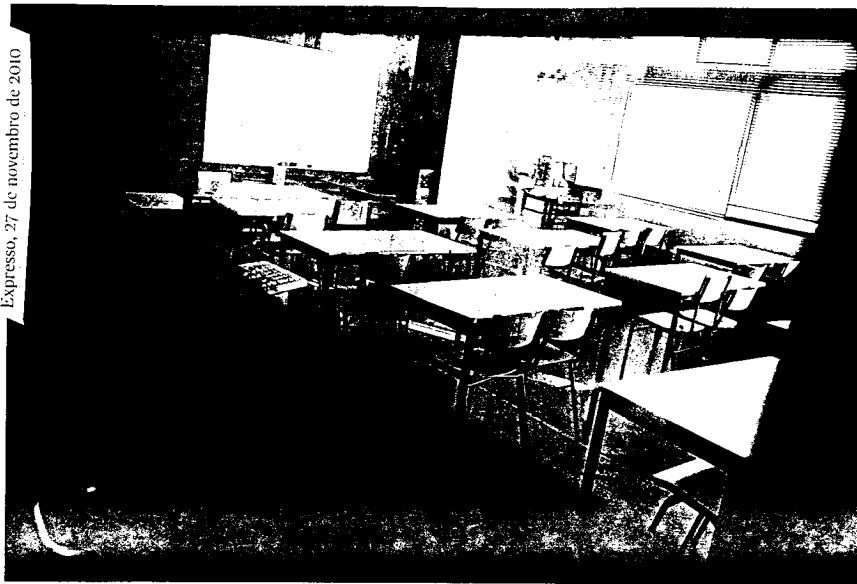


CARRIS, 10h30 O primeiro autocarro deveria ter saído do parque da Carris em Carnide às quatro e meia da manhã, mas a essa hora já lá estava um dos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes para o piquete de greve. Francisco Oliveira não dormiu. Dos 220 autocarros que normalmente saem daqui para fazer as carreiras em Lisboa, só oito estavam a circular. À porta do parque, havia um churrasco de febras. O primeiro em 20 anos. Mas nem tudo era motivo de festa. A adesão à greve custou quase 100 euros, em média, a cada motorista: 50 euros pela perda do prémio de desempenho e o resto por menos um dia de trabalho. Ao todo foi mais de 10% do ordenado

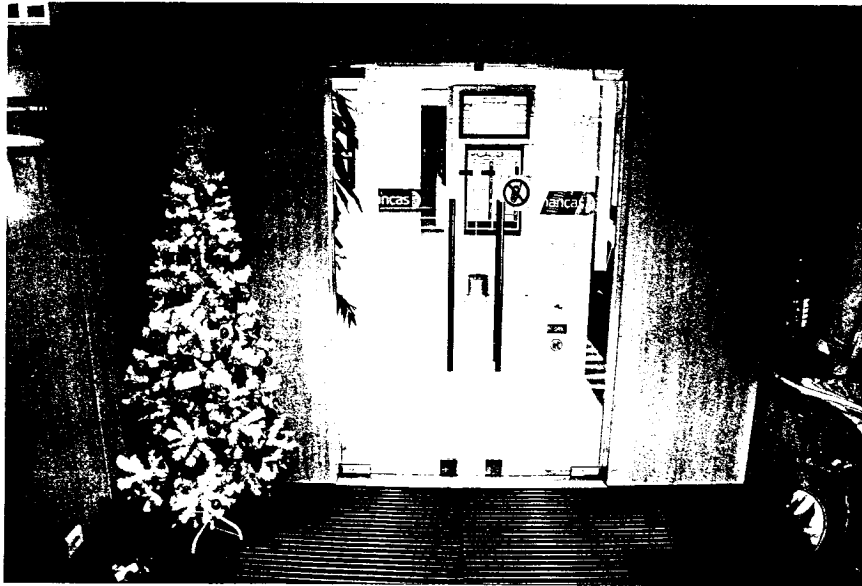
AEROPORTO, 12h00 No átrio do *check-in* no terminal internacional do Aeroporto de Lisboa, passageiros dispersos tinham de esperar até depois da meia-noite para embarcar. Não havia um balcão aberto. Os mostradores eletrónicos informavam que os voos tinham sido todos cancelados. À hora de almoço, numa banca de gomas e chocolates, o único ponto de venda a funcionar na zona mais remota do *check-in*, a funcionária ainda não tinha atendido qualquer cliente. Numa fileira de bancos, um casal brasileiro de meia-idade vindo de Roma estava resignado com o último dia do seu périplo pela Europa. A ligação para a Baía tinha sido adiada nove horas. "A partida está prevista para a uma e meia da manhã de dia 25, mas não faz mal. Estamos solidários com os nossos irmãos portugueses", explicava o marido, Renato Carvalho, enquanto a mulher lia Marguerite Yourcenar. "O Brasil está bem, mas houve uma época em que também tínhamos muitas greves"



HOSPITAL, 17h00 Mais camas vazias do que é habitual no SO (Serviço de Observação) podem querer dizer muita coisa (que houve mais operações a correr bem, por exemplo), mas no Hospital de Santa Maria havia motivos fortes para uma ocupação tão baixa. Na ala da Cirurgia II, no quinto piso, o bloco operatório tinha o lava-mãos dos cirurgiões seco e mesmo a funcionária que se encontrava de plantão estava de greve. Nos corredores, enfermeiras e auxiliares requisitadas para comparecer no posto de trabalho e garantirem os serviços mínimos passeavam-se com autocolantes da CGTP e da UGT, exibindo o seu duplo estatuto: estavam fisicamente mas não em espírito. Com uma fraca adesão dos médicos (10% na ala da Cirurgia II), a paralisação foi, ainda assim, quase total por causa da ausência em massa de enfermeiros e auxiliares. Muitos doentes, mais de metade, que tinham consultas marcadas preferiram não ir ao hospital, evitando o caos



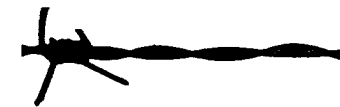
ESCOLA, 15h00 Muitos encarregados de educação ligaram de véspera, para saber se valia a pena os filhos darem-se ao trabalho de sair de casa e, por isso, de manhã apareceram pouco mais de 10 alunos na Escola Secundária Padre António Vieira, em Alvalade. Não havia ninguém, sequer, para garantir o controlo de entradas e saídas no portão. Nem bar ou refeitório aberto. Dos 26 funcionários, 24 estavam em greve (92%). Por isso, não houve aulas. Na mesinha à entrada do novo edifício da escola, a assessora da direção improvisava o atendimento ao público e compilava os números para enviar os relatórios de presenças e ausências (um de manhã e outro à tarde) ao Ministério da Educação. "Não me lembro de uma adesão tão grande como esta por parte dos funcionários", dizia a diretora da escola, Dulce Chagas. "Mas parece que os professores não sentem tanto esta greve como sendo deles". Na escola, só metade faltou ao trabalho



FINANÇAS, 15h45 O aviso à porta, na 8ª Repartição de Finanças de Lisboa, dizia que o serviço se encontrava "fechado por motivo de greve", quando pouco antes das quatro da tarde uma funcionária fazia horas cá fora para poder entrar. Era a mulher da limpeza. "Entro às quatro. Bem gostaria de fazer greve, mas o dinheiro faz-me muita falta". Lá dentro, alguns funcionários insistiam em cumprir o horário de trabalho até ao fim, sem a presença dos seus colegas grevistas. O Ministério das Finanças foi o segundo mais afetado pela greve (43,3%, de acordo com os dados do Governo), a seguir ao Ministério da Justiça (51,3%). Como motivos para a greve geral no país, além do aumento da carga fiscal, estão os cortes salariais anunciados para a função pública como uma das medidas de redução do défice orçamental — e que vão dos 3,5 aos 10 por cento, para quem recebe mais de 1500 euros ilíquidos por mês

pelas duas maiores organizações sindicais, a expectativa era tanta que Lisboa parecia ter-se preparado meticulosamente para passar o dia 24 de novembro sem grandes provações. Como se tivesse acordado num país em férias, uma parte dos lisboetas e dos vizinhos dos subúrbios que vêm todas as manhãs para a cidade decidiu ficar por casa ou ir trabalhar fora de horas.

Os números de adesão à greve foram contraditórios: 85%, disseram os sindicatos; 29%, segundo o Governo. Nas escolas, muitos alunos não chegaram a aparecer. Nos hospitais, os doentes também não. Não houve Metro, mas também não se viam filas à espera dos raros autocarros que circulavam. As ruas tinham pessoas, algumas delas deslocavam-se de bicicleta, aproveitando o pouco trânsito, mas por toda a parte um protesto invisível fazia-se sentir. Edifícios públicos em silêncio. Não importava quem estava. Importava quem não estava



Veja o dossiê

www.expresso.pt/grevegeral

Textos MICHAEL PEREIRA
Fotografias TIAGO MIRANDA



C